

Material Técnico- Pedagógico

Teaching Strategies & Materials



CARA DE MORTA, EU?!

A TRAJETÓRIA DE UMA OUVINTE QUE QUIS SER PROFESSORA DE SURDOS

Pérola Juliana de Abreu Medeiros¹⁰¹

LER EM LIBRAS



O presente artigo é um aprofundamento do capítulo 2 de meu trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, em que relato minha experiência desde o início de minha aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais até minha atuação como profissional intérprete/tradutora desta língua e, finalmente, como pedagoga, formada no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

¹⁰¹ Pérola Juliana de Abreu Medeiros é tradutora/intérprete de Libras – Língua Portuguesa, aprovada e habilitada pelo Exame Nacional de Proficiência – Prolibras. Concluiu a Faculdade de Pedagogia com foco em Educação de Surdos no Departamento de Ensino Superior - DESU do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, em fevereiro de 2017 com a defesa de sua monografia em língua portuguesa e língua brasileira de sinais sob o título “Ouvintes bilíngues, vamos ‘librar’? O desafio de sinalizar durante a graduação com colegas surdos”. O material em vídeo pode ser acessado no QR Code disponível no final deste relato sobre o processo de produção de sua monografia bilíngue. Contato: perola-jocum@gmail.com

Aproveito o percurso da leitura para identificar em minhas práticas algumas das estratégias de aprendizagem de segunda língua selecionadas (inconscientemente) por mim e identificadas por Oxford e Brown (1990 *apud* GESSER, 2012).

Ei! Eu tenho nome!

Início aqui respondendo a uma pergunta que geralmente os surdos me fazem no nosso primeiro contato, antes mesmo de perguntar meu sinal ou nome: sou ouvinte. Inicialmente este fato me causou incômodo. Em qualquer evento de surdos onde eu estivesse conhecendo novos surdos, estes conversavam, riam e brincavam comigo e antes de perguntar meu nome ou sinal, queriam saber se eu era surda ou ouvinte. Até mesmo meus colegas e amigos surdos, ao me apresentarem para outros membros da comunidade, diziam inicialmente: “Ela é intérprete. É minha amiga (ou colega) ouvinte.” Essas apresentações foram me incomodando porque, antes de ser intérprete, eu sou eu. Tenho um sinal e um nome. E antes de ser ouvinte, sou amiga dela! Não importa se sou surda ou não. Nunca vi alguém apresentar desconhecidos pela profissão: “Ela é vendedora e ele é açougueiro”. Mas, e o nome? Sempre falam o nome em primeiro lugar: “Esta é minha amiga fulana”. Pedi várias vezes para meus amigos surdos me apresentarem pelo meu sinal e meu nome, e não pela minha profissão ou condição auditiva. Mas, depois percebi que era uma prática comum na comunidade surda.

Além disso, alguns colegas surdos me disseram que saber se há ouvintes no ambiente é saber se teriam a mesma liberdade que teriam se houvesse apenas surdos presentes. Depois de alguns anos de convívio, abri mão do meu pedido e escolhi entender este curioso ato como parte cultural da comunidade surda brasileira. Afinal de contas, eu é que deveria me adequar à comunidade, e não o contrário. Isso denota

respeito e é um exercício de descentralização do “eu”, uma fuga do meu etnocentrismo¹⁰².

Mas, correndo o risco de ser redundante, vamos começar meu relato de experiência do início...

Meu primeiro contato com o universo surdo

Aos 10 anos de idade, numa viagem de trem, lembro-me vagamente de um vendedor silencioso que oferecia sua mercadoria entregando-nos um pacotinho plástico transparente que continha uma caneta e um cartãozinho. No cartão havia alguns desenhos de mãos em várias posições. Observei que abaixo de cada mão desenhada estavam impressas as letras do nosso alfabeto. Hoje sei o nome disso: alfabeto manual.

[...] (certas configurações de mão correspondem às letras do alfabeto em português) cuja finalidade é permitir a dactilologia ou soletração de palavras da língua oral. O alfabeto manual, entretanto não faz parte da estrutura da língua. Serve para empréstimos linguísticos que vêm preencher certas necessidades momentâneas de conceitos ainda não incorporados à língua de sinais ou na tradução de nomes próprios (BRITO, *s/d*, p. 15).

Deslizei meus olhos em cada uma daquelas letras representadas nas mãos desenhadas. Passei a viagem contorcendo meus dedos tentando ser fiel aos desenhos e aprender aquelas posições de mãos.

Apesar de ter tido meu primeiro contato com o universo surdo em torno dos 10 anos de idade, através da datilologia, somente aos 24 anos adentrei neste universo convidada pela Libras.

A igreja era enorme! Sentei-me perto do fundo, na parte do meio daquele templo onde cabiam mais de duas mil pessoas. Imediatamente após o início da reunião, um movimento atípico chamou minha atenção mais a frente, no meu lado esquerdo. Levantei e fui sentar perto daquele grupo de pessoas cujas mãos me atraíram com seus movimentos harmoniosos no ar. Sentada no meio deles, vi que

¹⁰² “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.” (ROCHA, 2004, p. 3)

todos olhavam uma pessoa lá na frente, e não era o preletor (pastor/pregador). Era a intérprete de Libras. Ela ouvia o que era falado e interpretava para a língua brasileira de sinais. Lembro-me de poder associar o que era dito com o que era sinalizado. Os sinais icônicos¹⁰³ tiravam risos dos meus lábios. Como aqueles sinais podiam parecer tanto com o sentido que eles continham?! Claro que muitos sinais e expressões escaparam da minha compressão, mas a iconicidade presente naqueles movimentos ganharam minha admiração. Ali, fui “picada pelo bichinho da Libras”. Sei que alguns surdos não gostam que nós ouvintes digamos que nos apaixonamos pela Libras. Mas como posso dizer outra coisa, se foi exatamente isso o que me aconteceu? Peço licença aos surdos para ser verdadeira. Encantei-me pela língua de sinais. Faltava agora encantar-me pelos seus protagonistas.

Aprendendo a ensinar – da prática para a teoria

Minha experiência mais significativa nestes primeiros anos de contato com os surdos foi no período em que residi por 14 meses trabalhando voluntariamente na Casa Semear¹⁰⁴, um centro comunitário em Belo Horizonte – MG. O projeto desenvolvido ali tinha o foco em atendimento a crianças e adolescentes surdos, onde eram desenvolvidas atividades, em Libras, de reforço escolar, contação de histórias e atividades recreativas que permitiam o desenvolvimento em diversas áreas como: pessoal, educacional, social e familiar, levando em conta as dificuldades de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos. O trabalho contava com a parceria de uma escola da rede pública de Belo

¹⁰³Sinais icônicos são aqueles que fazem alusão à imagem real do seu significado (BRITO, s/d).



Por exemplo, o sinal CASA.

Imagens disponíveis em: <<http://1.bp.blogspot.com/-smIfP3sSF8U/VGKjxDcYdNI/AAAAAAAAABRI/6R56dt2Ag7U/s200/casa.jpg>> e

<https://2.bp.blogspot.com/-IulJz91VwtE/VtxbM4mq8TI/AAAAAAAAAGZ4/tGzA_QqS-_I/s1600/Casa%2B-%2BDesenhos%2Bpara%2BColorir5.png> Acesso em: Out. 2016

¹⁰⁴Disponível em: <<http://bhcentro.wixsite.com/portugues/casa-semear>> Acesso em Out. 2016.

Horizonte, a qual atendia crianças, adolescentes e jovens surdos. A escola solicitava contribuição da Casa Semear para atender alunos que apresentavam maiores dificuldades de aprendizado e/ou relacionamento.

Este espaço foi uma escola para mim. Foi nesta época que comecei a almejar a pedagogia, curso que concluí agora, oito anos depois de minha estadia ali.

O aprendiz de línguas [...] também é influenciado por suas experiências de vida, trazendo para o aprendizado seus anseios, metas e crenças, que afetam em grande medida suas atitudes em relação à Libras e, igualmente, a seu próprio aprendizado (GESSER, 2012, p. 67).

Quando cheguei à ONG, minha Libras era bastante elementar. Conhecia apenas sinais básicos, principalmente, da esfera religiosa. Contudo, não eram suficientes para me dar independência num diálogo com um surdo. Com as crianças surdas do projeto, aprendi outra esfera de linguagem e minhas primeiras sentenças estruturadas na Libras. O contato com surdos adultos era esporádico, quando recebíamos visitas de voluntários externos, os quais nos deliciavam com suas contações de histórias para as crianças através de suas sinalizações fabulosas!

Tempos depois, residindo em outro estado, fui incentivada a inscrever-me no ProLibras¹⁰⁵ - que eu nem sabia exatamente do que se tratava - e no vestibular do curso de pedagogia com ênfase na educação de surdos oferecido pelo INES no Rio de Janeiro. Aprovada no vestibular, iniciei os estudos. Quanto ao ProLibras, a estratégia de assistir várias vezes todos os 110 vídeos das 6 edições anteriores não foi suficiente. Fui reprovada já na primeira fase.

Cara de morta, eu?

Apesar da reprovação no exame de proficiência, nutri um falso sentimento de que eu era boa em Libras. Afinal de contas, muitos me

¹⁰⁵ Exame Nacional de Proficiência na Libras. Tal exame certifica a proficiência e habilita para exercer a profissão de tradutor/intérprete de língua brasileira de sinais. Para mais informações acesse: www.prolibras.ufsc.br. Acesso em Abr. 2017.

elogiavam e diziam que eu era ótima usuária da língua de sinais. Como explica Scaramuci (2000, p. 13), comentários como este estão baseados em julgamentos impressionistas, ou seja, por impressões simplistas, feitos “sem avaliações sistemáticas através de exames ou testes e/ou sem a explicitação de critérios”.

Recém-chegada à cidade e precisando de emprego, fui trabalhar num curso de Libras como intérprete. A responsável pela seleção foi bem clara quando disse que só estava me contratando porque não tinha mais candidatos ao cargo e a necessidade era emergencial. Desta forma ela me contratou dizendo: “Já que não veio ninguém, vou te contratar.”. Ela não tinha outra opção, nem eu. Estava longe da família, precisando me manter na Cidade Maravilhosa.

No meu primeiro contato com os professores surdos, que seriam meus colegas de trabalho, fui ridicularizada quando um deles me disse: “Você tem cara de morta”. Fui para casa frustrada e nervosa pensando na grosseria que havia sofrido. Mas, em consonância com a estratégia afetiva de aprendizagem identificada por Oxford (1990 *apud* GESSER, 2012), eu precisava controlar minhas emoções, atitudes, motivações e valores. Sentimentos como estes não são privilégios apenas dos aprendizes de línguas de sinais. Gesser (2012, p. 10) compartilha o seguinte:

Quando passei a aprender a Libras, senti na pele, muitas vezes por desconhecimento, os medos, anseios, angústias e frustrações pelos quais passa a maioria dos ouvintes nos primeiros contatos com um surdo e a língua de sinais. Mas, não nego que aprendizes brasileiros, por exemplo, em contato com uma língua estrangeira oral também passem por essas mesmas sensações [...].

Diante deste gesto grosseiro, apesar de verdadeiro, eu tinha duas opções: chorar ou dar a volta por cima. Comecei então a observar as expressões faciais de todos os usuários da Libras. Com um novo olhar sobre a situação, reconheci mais tarde, que aquele(a) surdo(a) grosso(a) estava certo(a). Então, trabalhei minhas expressões faciais e as exercitei incansavelmente.

Para os usuários de línguas de sinais, as expressões faciais têm duas funções distintas: expressar emoções (assim como nas línguas faladas) e marcar estruturas gramaticais específicas (como orações relativas), servindo para distinguir funções linguísticas,

uma característica única das línguas de modalidade visual-espacial (QUADROS, 2009, p. 7).

O encontro da “alma surda”¹⁰⁶

Meu relacionamento com os colegas de trabalho surdos foi se estreitando. Aos poucos, descortinava-se para mim a humanidade deles. Este estreitamento me fez sair do trono do meu “eu” e me sentar no lugar “do outro”.

Um dos meus colegas surdos me contou um pouco de sua história, onde as marcas do ouvintismo¹⁰⁷ estiveram presentes. Seu desabafo chegou ao ponto de dizer que odiava ouvintes. Neste dia saí da mesa chorando. Senti-me odiada. Apesar disso, resolvi investigar com outros surdos e descobri que, sem nos darmos conta, algumas de nossas ações ouvintes lhes provocam sentimentos inferiores. Segue suas declarações (MEDEIROS, 2017, 41’45”–42’48”):

“Enquanto um ouvinte conversa com um surdo e outro ouvinte o chama oralmente, a conversa é interrompida e o ouvinte esquece-se do surdo que ainda nem concluiu sua fala.”

“Os ouvintes conversam por vários minutos, riem, choram entre si e quando um surdo pergunta o que foi dito, ele traduz tudo em segundos com sentenças curtas e sem emoção. O surdo continua sem entender direito o que foi que arrancou lágrimas e sorrisos dos ouvintes.”

“Os ouvintes sempre querem dizer o que temos de fazer. Não nos deixam decidir. Em reuniões de trabalho, até deixam os surdos opinarem, mas ao final dizem: ‘Interessante, legal.’ E as decisões dos ouvintes prevalecem.”

“Nos trabalhos da faculdade, os ouvintes deixam o mais fácil para o surdo. Eles decidem as coisas e nos “ajudam” a ganhar nota. Sempre têm a postura de nos ensinar, como se não tivéssemos nada para ensiná-los. Partem do pressuposto de que não vamos entender e simplificam as coisas para nós. Tratam-nos como coitadinhos.”

¹⁰⁶A expressão Alma Surda é relativamente nova e tem sido bastante usada na comunidade surda usuária da língua de sinais. Dizer que alguém tem a alma surda é fazer-lhe um elogio, pois é utilizado para se referir a uma pessoa não-surda (ouvinte) que compreende o modo de pensar e agir do surdo com muita facilidade assemelhando-se a ele também no modo de sinalizar. Por falta de referências bibliográficas a respeito desta expressão, acrescentamos às entrevistas aos surdos (em anexo B) a seguinte pergunta: “O que significa a expressão “Alma surda”?”

¹⁰⁷Derivada da ideia de colonialismo, o termo é definido por Skliar como “[...] um conjunto de representações do ouvinte, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. (SKLIAR, 2005. p. 15)

“Os ouvintes conversam entre si em língua portuguesa oral, mesmo tendo alta proficiência na Libras. Por que não a utilizam? O que é mais fácil: dois surdos conversarem em Libras e um ouvinte entrar, ver e ter a oportunidade de participar ou dois ouvintes conversarem em português, um surdo entrar e ter a oportunidade de participar? Por que não usar a língua de sinais? Qual o problema? Estamos dentro da ‘Casa do Surdo’! – em referência ao INES –. Se estivéssemos em outro ambiente, lá fora, tudo bem. Mas aqui é o lugar do surdo! Aí, o ouvinte entra aqui, num espaço que era só nosso, abrimos as portas e ele faz isso? Ele não dá valor à língua de sinais! Não respeita o surdo”.

“Você sempre vai ter mais poder do que eu. Você vai ver! O português tem mais poder do que a Libras.”

Será que eu também fazia as mesmas coisas das quais eles reclamavam?

O dia em que me calei.

Um dia resolvi testar todas estas queixas dos surdos. Iniciei então o 2º período da faculdade com a boca fechada. Passei a usar apenas a Língua de Sinais na presença de surdos.

Em seu livro “O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender Libras”, Gesser (2012, p. 53) explica que na aprendizagem de outra língua, os aprendizes demonstram as mais diversas reações, alguns se arriscam mais do que outros que preferem evitar riscos. Passar a usar apenas a língua de sinais foi uma estratégia social de aprendizagem, a qual, segundo GESSER (2012, p. 60), ajuda “os alunos a interagir com outras pessoas”.

Meus colegas ouvintes me cumprimentavam oralmente e eu os respondia em Libras. Perguntavam-me as coisas e eu respondia em Libras. No início estranharam bastante e até me chamaram de louca e estranha. Mas foi a estratégia que abriu meu horizonte.

Conforme Cohen et al. (1996 *apud* GESSER, 2012, p. 57), as estratégias de aprendizagem

[...] são passos ou ações selecionados pelos aprendizes para melhorar a aprendizagem ou o uso da língua, ou ambos [...] são pensamentos e comportamentos conscientes que os alunos uti-

lizam para facilitar as tarefas de aprendizagem e personificar o processo de aprendizagem da língua.

Com esta postura de sinalizar o tempo todo, alguns colegas ouvintes passaram a se dirigir a mim em Libras também. Inclusive fora do INES. Na sala de aula, levantava a mão, sem usar a voz, para perguntar algo ao professor ouvinte ou opinar. Por várias vezes, fui esquecida pelos professores ouvintes que davam a vez para as participações orais. Acredito que isso se dava por falta de hábito destes professores ouvintes e também pela empatia natural com sua própria língua.

Passei a apresentar todos os trabalhos e seminários em língua de sinais. Esta postura se enquadra numa estratégia de aprendizado que Oxford (1990 *apud* GESSER, 2012) classifica como estratégia cognitiva a qual capacita os aprendizes a entender e produzir língua.

O primeiro trabalho a ser apresentado em Libras foi muito difícil para mim. O tema era “Abordagens de Ensino”. Lembro-me de preparar duas apresentações em slides: uma para o público visualizar e outra apenas para mim, em glosa¹⁰⁸. A dificuldade era a seguinte: além de o conteúdo ser novo para mim, tinha linguagem acadêmica, é claro, e bastante formal. Não estava acostumada a sinalizar conteúdos tão densos assim. Na minha mente, o discurso estava bem estruturado em português, mas ao passar para a Libras, não conseguia transmitir tudo o que desejava. Minhas mãos não correspondiam aos meus pensamentos. Eu sabia que, ao apresentar meu trabalho em Libras, minha L2, corria o risco de ter uma nota menor do que o apresentando na minha L1: o português. Assumi os riscos e resolvi tentar. Não que a língua de sinais não dê conta de densos conteúdos acadêmicos, mas o fato era que eu não tinha um nível de proficiência adequado na Libras para tal contexto.

Sobre a possibilidade de expressão na Libras em qualquer nível semântico, Brito (s/d, p. 2) ressalta que

[...] devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico,

¹⁰⁸Fazer uma glosa consiste em utilizar palavras da língua portuguesa escrita dentro da estrutura linguística da língua de sinais (SOUZA, 2010).

concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Resolvi pedir ajuda a uma colega surda. Após seu auxílio, corrigindo minha glosa, apresentei o seminário. Claro que, durante o discurso, alguns sinais me escaparam e recorri aos intérpretes que, de boa vontade, me sopravam os sinais. No final, a resposta dos surdos foi positiva quando lhes perguntei se havia sido clara. Esse *feedback* foi importante para controlar e/ou aferir meu próprio aprendizado. Oxford (1990 *apud* GESSER, 2012, p. 60) classifica esse tipo de estratégia como metacognitiva, pois permite que “[...] os aprendizes controlem seu próprio aprendizado através da organização, planejamento e avaliação.” Dessa forma, pouco a pouco fui melhorando até conseguir equivaler meus discursos nas duas línguas.

Na perspectiva de aprendizagem baseada em tarefas (GESSER, 2012), o propósito vai além das apropriações gramaticais e lexicais. Este tipo de situação exige, em primeira instância, a capacidade de comunicação efetiva: informar, instruir, etc.

Para elevar minha competência na Libras, observava os intérpretes todo o tempo e fazia anotações. Com eles, aprendi coisas além de palavra-sinal: sinais acadêmicos, traduções culturais e pude comparar expressões da comunidade surda com as da minha língua.

Gesser (2012, p. 126) nomeia esse tipo de abordagem de aprendizado como educação centrada no conteúdo:

Refere-se à **educação centrada no conteúdo** o estudo simultâneo da língua-alvo e do conteúdo, disciplina e/ou assunto. O conteúdo é que ditaria as formas e seqüências linguísticas, e a língua passa a ser meio cuja finalidade vai além da proficiência linguística. [...] Assim, concomitantemente à construção de conhecimentos em matemática ou geografia, por exemplo, adquire-se a língua-alvo.

Fiz a escolha de priorizar minha atenção na Libras e assumir o risco de perder algum conteúdo num primeiro momento e buscá-lo posteriormente. Quando comecei a apresentar meus trabalhos em Língua de Sinais, sabia que não conseguiria transmitir em Libras tudo o que transmitiria na minha língua (Língua Portuguesa). Pois ainda não possuía competência linguística para tal. Sabia inclusive que poderia

perder ponto por deixar lacunas no meu discurso quanto ao conteúdo dos trabalhos. Novamente assumi o risco. Julguei que valeria a pena perder pontos na nota e evoluir na Libras.

[...] tende-se a conceber o empírico como determinante para a aprendizagem pelo motivo de que *efetivamente*, muitos dos saberes (desconstrução de imaginário sobre a surdez, experimentação de uma outra modalidade linguística, etc.) dependem de uma abertura do aprendiz que é preponderantemente baseada na experiência (LOSS, 2016, p. 24).

Mantive minha escolha linguística sem titubear até o 6º período. Contudo, aos poucos fui percebendo que sinalizava e falava ao mesmo tempo. Este comportamento denomina-se bimodalismo. Apesar de alguns ouvintes bilíngues afirmarem conseguir sinalizar e falar simultaneamente, Quadros (1997, p. 26) afirma que “o bimodalismo [...] desconsidera a língua de sinais e sua riqueza estrutural e acaba por desestruturar também o português”. Eu assumo que, ao falar e sinalizar ao mesmo tempo, a Língua Portuguesa fica modificada e estranha para quem me ouve e a Libras fica truncada para o surdo. No mínimo, ela fica *aportuguesada*, ou seja, “português sinalizado¹⁰⁹”. Desta forma, ao invés de contribuir para que meu colega ouvinte aprimore sua L2, eu o prejudico em decorrência do nosso conforto linguístico oral.

O desafio final da graduação com surdos foi concluído com meu trabalho de conclusão de curso em duas versões: em DVD na língua brasileira de sinais e PDF na língua portuguesa. A defesa foi discursada em Libras.

Concluimos que a descentralização pessoal e a imersão na língua de sinais foi imprescindível para o aprimoramento da proficiência nesta língua. Assumir riscos no uso da L2, mesmo tendo que enfrentar situações desconfortáveis, faz parte do contexto de aprendizes de segunda língua. Além de beneficiar todos os envolvidos comprometidos com uma educação de surdos mais efetiva.

¹⁰⁹Segundo Quadros, (2008, p. 24), português sinalizado é quando os sinais passam a ser utilizados dentro da estrutura da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BRITO, L. F. *A Língua Brasileira de Sinais*. Estrutura linguística da Libras. [s.l.] [s/d]. Disponível em: http://www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf Acesso em: Set. 2016.
- GESSER, A. *O ouvinte e a surdez: Sobre ensinar e aprender LIBRAS*. Ed. Parábola, São Paulo, 2012.
- LOSS, A. L. *Avaliação de fluência em língua de sinais brasileira: Definindo critérios sob uma perspectiva surda*. Florianópolis, 2016.
- MEDEIROS, P. J. de A. *Ouvintes bilíngues, vamos “librar”?* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2017. 1 DVD (76 min)
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I*, Florianópolis, 2009.
- ROCHA, E. P. G. *O que é etnocentrismo*. Brasiliense, 2004.
- SCARAMUCCI, M. V. R. *Proficiência em LE: Considerações terminológicas e conceituais*, Campinas, 2000.
- SKLIAR, C. (Org). *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, Mediação, 2005, 3ª ed.
- SOUZA, S. X. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras*. Dissertação. Estudos de Tradução. UFSC: Florianópolis. 2010.